Largas manchas de cor matérica, espatuladas, contrastam com outras mais diluídas, pintadas à trincha e a spray, em tons opacos e transparentes, escuros e claros, na base de negros, cinzentos, prata, azuis, vermelhos, rosas e brancos.

A impulsividade do gesto apela a encontrar uma certa ordem no modo como a mancha e o grafismo se articulam, sem perderem o élan vital e global da composição.

Oscilante entre a densa tensão dramática e a descontracção solta e irregular, o pintor não abdica da sua expressividade imediata.

Por vezes, um certo descontrolo no modo como os elementos gráficos e cromáticos se desorganizam não deixa de perturbar o espectador mais atento e sensível, embora se deva reconhecer que talvez resida aí o vigor da sua pintura, que não se fecha nunca em formulas, mas, pelo contrário, se assume na sua exasperante autenticidade anárquica.

Embrionária, desconexa e abrupta, a pintura de Gervásio irrompe do caos com a energia de algo que se define e se indefine como um acontecimento incontrolável, no debate que promove entre o pintor e a pintura, entre o ser e o seu campo de acção.

Próxima dos graffitis murais da Arte Bruta do homem comum e do expressionismo Abstracto, a pintura gestual e abstracta de Gervásio manifesta-se à margem do saber instituído, rejeitando qualquer tipo de academismo para afirmar mais plenamente a sua natureza rebelde a normas e padrões previamente definidos.

 *Eurico Gonçalves, Pintura Gestual Abstracta, 2007*